



BLUSAS VERDES: A MILITÂNCIA INTEGRALISTA EM DEFESA DA HONRA (1932-1937)

Helisangela Maria Andrade Ferreira¹

Giselda Brito Silva²

RESUMO: Na década de 30 a sociedade pernambucana passava pelo processo de modernidade, que dita novas regras para a sociedade da época, principalmente mudanças ligadas aos costumes. Tais mudanças não foram bem aceitas pela Ação Integralista Brasileira, movimento que surge na década de 30 legitimando o lugar da mulher no espaço privado, no qual abarcou o lugar da mesma como mãe, esposa e dona de casa. O Integralismo foi um movimento que priorizou a família e teve em suas fileiras mulheres que tornaram-se conhecidas como blusas verdes. Teceremos no presente artigo quais atividades eram desempenhadas, quais discursos eram proferidos nas fileiras do movimento para legitimar o papel da mulher em defesa da honra que era tão preservada na sociedade de 30. Sendo assim, no último momento teremos a mulher rainha do lar e da nação e de como desempenhavam tais tarefas nos espaços públicos que lhes era permitido.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres, Lar, Nação, Modernidade

SUMMARY: In the thirties Pernambuco society was undergoing the process of modernity, which dictate new rules for the society of the decade, especially changes related to customs. Such changes were not well accepted by the Integralist Brazilian Action, a movement that arises in the thirties, legitimizing the place of woman as mother, wife and housewife. The Integralism is a movement that emphasizes the family and has in its ranks women who are called green blouses, we will weave in this article what activities were performed, where speeches were delivered in the ranks of the movement to legitimize the role of women in defense of the honor that was so preserved in the society of the 30s. Thus, at the last moment we'll have the woman as queen of the home and of the nation and how played as such tasks in public spaces that were permitted.

KEYWORDS: Women, Home, Nation, Modernity

1. Quem eram as blusas verdes?

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em História – DHIS – UFRPE. E-mail: helly_andrade@hotmail.com

² Docente/pesquisadora do Departamento de História – DHIS – UFRPE. E-mail: gibrs@uol.com.br



As mulheres militantes que participavam do movimento conhecido como Ação Integralista Brasileira (AIB) eram chamadas de blusas verdes e seguiam um código de conduta que lhe era apresentado principalmente por Plínio Salgado que era o chefe do movimento e propagador de muitas idéias que circulavam pelos meios sociais integralistas. O integralismo é um movimento de características fascistas, tendo Plínio Salgado contato com o fascismo quando viajava por diversos países inclusive a Itália se identificando com aquelas idéias, em São Paulo lança em 7 de outubro de 1932 o manifesto de outubro que marca a fundação oficial da AIB onde tem como lema: Deus, Pátria e Família. O estado integral, composto de províncias cujo controle seria entregue a um governo estruturado pela AIB, a revolução social moldada no fascismo italiano que seria adaptado aos moldes vigentes que seria a obediência total ao chefe e aos superiores hierárquicos. O uso do uniforme que era a camisa-verde, calça escura, gravata preta e braçadeira na manga esquerda com a letra grega sigma, sinal matemático de soma ou integral sendo o uso das vestes obrigatórias nas cerimônias do movimento. Os camisas-verdes como eram chamados os homens por conta do uniforme tinham uma saudação a palavra tupi *anauê* já que o amor a pátria era um dos lemas do movimento. No caso das mulheres seria a blusa verde como forma de representar o movimento que a priori os homens aderiam às ideias e conseqüentemente traziam as mulheres e os filhos que passavam a seguir os preceitos integralistas. Muitos trabalhos a respeito das integralistas no sul e sudeste foram desenvolvidos, mas no Estado permanecem sem discussão para percorremos esses caminhos é importante ressaltar em que realidade estavam as famílias recifenses e quais transformações sofriam. Novos conceitos estavam sendo agregados a essa sociedade que passava por um processo dito moderno, segundo Oliveira³:

Essas reformas urbanas estavam intimamente ligadas as mudanças que ocorriam nacional e internacional, como a expansão industrial-capitalista, a modernização dos costumes, os melhoramentos tecnológicos que contribuía para modificar os códigos político-sociais e a conduta dos indivíduos, sobretudo os urbanos.

A igreja católica no Brasil não assumiu oficialmente uma postura político partidária integralista, mas de como esses discursos católicos se faziam presentes na produção de

³ OLIVEIRA, I. B. *Façamos a família à nossa imagem: a construção de conceitos de família no Recife Moderno (1920-1930)*. Dissertação (Doutorado em História). UFPE/CFCH, 2002. Pág. 17.



sentido dos discursos integralistas, como aponta Silva⁴. Baseado nessas idéias que o movimento estabelece a mulher integralista ocupava determinados espaços que lhe era permitido, sabe-se que os espaços públicos por muito tempo foi visto como um local inadequado para o feminino, mas a modernidade inevitavelmente empurra a mulher para esses locais descontentando os mais conservadores. A educação na década de 30 pelo menos nas séries iniciais que seria o magistério é incumbida à mulher, onde seria como a extensão do lar, para Plínio Salgado o fato de a mulher ocupar os postos de trabalho seria por ele considerado como a ruína da família onde estaria alicerçada a moral que era tal preservada para os moldes da época. Segundo Simões⁵ *“outras vozes afirmarão que as mulheres têm, por natureza, uma inclinação para o trato com as crianças, que elas são as primeiras e naturais educadoras, sendo o magistério o prolongamento da atividade exercida no lar”*. O modelo que foi criado para a mulher seria o aprendizado para o casamento, a sociedade de 30 era caracterizada pelo modelo patriarcal, onde cada sujeito ocupava sua função dentro dos preceitos da moral e dos bons costumes. Mas esse modelo vai sendo descaracterizado pelo processo de mudança que a sociedade vem passando, podemos ressaltar a luta das mulheres pelo voto tendo sido levantada essa proposta em 1919 por Bertha Lutz, mas o sufrágio somente foi concedido às mulheres em 1932. Novos lugares estão sendo reestabelecidos para essa mulher que dentro dos espaços que lhe são permitidos exerce sua atuação na sociedade. As mulheres integralistas através de práticas assistencialistas na saúde, educação difundiam esse discurso de preservação do corpo, já que o movimento era defensor dos preceitos cristãos defendendo a moral e a ética. Giselda Brito⁶ nos atenta que o *“corpo integralista é o corpo metaforicamente construído para representar o “brasileiro nacionalista e cristão”, defensor de um tipo de organização política e social”*. As representações dos símbolos integralistas tinham um significado de obediência e respeito ao movimento, notamos em algumas fotografias que como aponta Bulhões⁷ significava uma memória da militância integralista e sua identidade com a pátria.

⁴ SILVA, Giselda. B. Corpo e Discursos: uma abordagem Histórico-discursiva do corpo integralista como transgressor da ética e da moral cristã. (2004. p.74)

⁵ SIMÕES, Renata. D. Ação Integralista Brasileira: Educando mulheres para as funções de professora e mãe de família. Pág. 4

⁶ SILVA, Giselda. B. Op. Cit, pág. 3

⁷ BULHÕES, Tatiana da Silva. Fotografias, gênero e autoritarismo: representações do feminino pela Ação Integralista Brasileira.



Prontuário Funcional nº 29.078. Recife, DOPS-PE/APEJE

É sabido que a AIB se valia de diferentes meios para propagar as idéias do chefe a respeito da situação vigente na época, nesse caso como deveria se portar a mulher perante as transformações que a sociedade passava, pois muitas dessas mulheres ocupavam os lugares públicos nesse caso as fábricas. Na década de 30 o fato da mulher ocupar postos de trabalho era visto com maus olhos, mas a necessidade as obrigava muitas vezes pois, maridos abandonavam a casa e os filhos tendo as mesmas que suprir o sustento familiar. É nesse momento que as blusas verdes atuavam com o discurso anticomunista, já que o comunismo aceitava que a mulher fosse trabalhar as alertando dos perigos que rondava esses espaços públicos. A unidade familiar para os integralistas era bastante crucial na transformação dessa realidade, tanto que Barroso⁸ *“tirem a família ao homem e fica o animal; façam dele a peça funcionando no Estado e teremos o autômato, infeliz, rebaixado de sua condição superior”*. O tripé Deus, Pátria e Família que foi construído pelo integralismo e posteriormente divulgado dentro dos espaços que o movimento chegou, foi de grande aceitação já que na sociedade de 30 o conservadorismo ainda estaria bastante presente principalmente no Nordeste, e tinha como proposta combater o comunismo que segundo Gustavo Barroso seria a

⁸ BARROSO, Gustavo. O que o Integralista deve saber. Rio de Janeiro – Civilização Brasileira – 1935 p.29



destruição da família. Esse era o papel das blusas verdes propagarem o discurso que o lugar da mulher seria no seio do seu lar exercendo seu papel de mãe, esposa e dona de casa através da conscientização em diferentes espaços.

2. Em defesa da honra

Pretendemos mostrar como se dava a defesa da honra na militância integralista das blusas verdes, segundo Sueann Caulfield⁹ explica a honra sexual “*representava um conjunto de normas que, estabelecidas aparentemente com base na natureza, sustentavam a lógica da manutenção de relações desiguais de poder nas esferas privada e pública*”. O fato de a mulher ser a guardiã da honra trazia para ela uma série de proibições, pois os espaços públicos ofereciam perigos que poderia aranhar a reputação feminina. Segundo Ribeiro¹⁰ “*um provérbio compara a honra da mulher a um cristal, que, partido, não tem conserto*” e a modernização recifense é considerada culpada por oferecer atrativos que desvie a mulher da sua conduta respeitável. A mulher é retratada ao longo da história como um ser apático, sempre condicionado pelas mãos masculinas, pois o homem além de fazer parte da vida social era o mesmo que manuseava essa escrita da história ficando, a mulher à margem desse fazer historiográfico. Segundo Michelle Perrot¹¹:

“Escrever uma história das mulheres é um empreendimento relativamente novo e revelador de uma profunda transformação: está vinculado estreitamente à concepção de que as mulheres têm uma história e não são apenas destinadas à reprodução, que elas são agentes históricos e possuem uma historicidade relativa às ações cotidianas, uma historicidade das relações entre os sexos. Escrever tal história significa levá-la a sério, querer superar o espinhoso problema das fontes (“Não se sabe nada das mulheres”, diz-se em tom de desculpa).”

O discurso que era difundido pela AIB para a mulher e em defesa da sua honra era justamente que tais espaços não lhes era adequado, por isso visitavam bairros humildes com a finalidade

⁹ CAULFIELD, S. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas: Unicamp, 2000. Pág. 26.

¹⁰ RIBEIRO, Renato Janine. *A etiqueta no antigo Regime*. São Paulo: Moderna. 1998.

¹¹ PERROT, Michelle. *Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência*. Conferência proferida no Núcleo de Estudos de Gênero Pagu em 06 de maio de 1994 (UNICAMP).



de trazer esse público feminino para o seio do movimento onde companheiras através de práticas assistencialistas orientavam a respeito da higiene e cuidado com os filhos. Pelas pesquisas até o presente momento, sabemos que eram realizados comícios na cidade do Recife, para a classe operária, as mulheres integralistas expressavam suas lamentações e grande pesar sobre as inevitáveis perdas que a atividade profissional feminina produziria na estrutura familiar:

Confrange o coração de qualquer pessoa interessada na melhoria de vida das classes trabalhadoras examinar o estado de abandono material e moral da nossa mulher operária de Pernambuco. Sujeita ao mesmo regime de trabalho que vigora para o homem. (...) Se a gente considera a situação das operárias que trabalham no centro da cidade, facilmente conclui que ela é precaríssima, porque além do mais, essas trabalhadoras se escravizam à vaidade pessoal. (...) A promiscuidade no local de trabalho e os continuados encontros na saída, tudo concorre para esse ambiente de perigo que cerca a mulher trabalhadora.¹²

Notamos que as mulheres de origem humilde por necessidade já exerciam atividades nas fábricas enquanto algumas mulheres de classe média reivindicavam tais direitos, que a própria legislação as proibia pelo decreto nº 21.417 de 1932, Getúlio Vargas apontava alguns direitos e tolhiam outros como era autorizado o emprego a mulher casada, mas se o marido se opusesse, a mesma poderia recorrer à autoridade judiciária. Se tal atitude da mulher ferisse o seio da família permitia ao companheiro a rescisão do contrato da mulher, ou seja, a mulher estava imersa em uma série de proibições e não tinha poder sobre sua vida, principalmente no Nordeste onde a tradição estava arraigada nas famílias recifenses. Mas o processo que a cidade sofria dito moderno restabelecia novos lugares para os sujeitos, novos códigos de conduta e uma maior segregação dos conceitos familiares médios e pobres. Como aponta Buriti¹³

¹² "Mulheres Operárias". *Diário do Nordeste*. Recife, 26/10/1937 p. 5

¹³ OLIVEIRA, I. B. Op. Cit, pág. 27.



IV Colóquio de História

Abordagens Interdisciplinares sobre História da Sexualidade
de 16 a 19 de novembro de 2010 - UNICAP

Ser civilizado nesse período era sinônimo de polidez, de refinamento, de gosto, de educar os sentidos, pelas emergentes práticas de se vestir, de caminhar, de sentar-se a mesa, adotando uma postura condizente com sua posição social, representar um papel em que o luxo seja convertido em uma marca de prestígio.

No tocante a pátria que era um lema primordial para o movimento, trazia a mulher como a célula mater dessa nova sociedade que iria florescer sob a égide feminina tão indispensável na construção e formação desses futuros homens da nação. O modelo de mãe dedicada e mulher obediente eram disseminados nas fileiras da AIB de diferentes formas como no caso da Revista Brasil Feminino que era direcionada para as blusas verdes de todo o Brasil legitimando o papel tradicional para a mulher que iria de encontro às transformações atuais que disseminava a imagem moderna para a mulher, não mais exaltando esse estereótipo. Segundo Mancilha¹⁴ “Plínio Salgado, chefe nacional do movimento propôs dessa forma investir na revista Brasil Feminino tornando-a um meio de comunicação assumidamente integralista”. A mulher estaria devidamente assistida contra as ameaças da modernidade tanto que havia secretarias voltadas para atender as necessidades do público feminino que eram a Secretaria de Arregimentação Feminina (SNAF) pela pesquisa até o presente momento sabemos que havia no Recife um departamento feminino: “Instalou-se, com solenidade, terça-feira última, em sua sede provisória, à rua Barão de São Borja o departamento feminino que já conta com inúmeras inscrições...”¹⁵ que tinham como finalidade orientar, controlar não somente a mulher integralista, mas as que estavam à mercê dos perigos da sociedade, onde os espaços públicos eram que ofereciam tais ameaças, como aponta Rago¹⁶:

Denunciando a exploração do trabalho feminino sempre sob o ângulo do atentado ao pudor, o discurso operário reforça a representação da fábrica como espaço pouco indicado para a delicada presença feminina e, deste modo, a intenção de preservação da mulher contra a imoralidade do processo de trabalho atua no sentido de defender o espaço masculino na produção e de valorizar a força de trabalho do homem.

¹⁴ MANCILHA, N. M. V. Brasil Feminino: uma visão social sobre a participação feminina no movimento integralista. Pág. 3

¹⁵ Ação Integralista Brasileira. *Departamento Feminino*. Jornal Pequeno. Recife, 22 de Setembro de 1934.

¹⁶ RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. 1890-1930*. 2ª edição. Pág. 68.



Para o homem o fato de a mulher ocupar postos de trabalho estaria subtraindo as oportunidades que seriam deles e tirando da mulher suas verdadeiras responsabilidades, sendo ainda as fábricas um local inóspito segundo Oliveira¹⁷ *“e que artigos moralistas e machistas compartilhavam uma linguagem comum sobre honra e relações de gênero: defendiam o confinamento da mulher sob a sombra de um protetor (pai, marido, tutor ou irmão), destituída de uma função produtiva do lar.”* Segundo Soihet¹⁸, gênero é uma maneira de indicar as “construções sociais”, ou seja, a diferença que homens e mulheres exercem na sociedade, o papel que foi considerado como ideal para cada um. Baseando nisso formas de poder dentro de tais conceitos estabelecem os lugares sociais do feminino e masculino. Como por exemplo, a mulher como sendo a guardiã da honra e tendo na sociedade um estereótipo de fragilidade, tanto sendo considerada indefesa em ambientes de trabalho e apta para cuidar dos filhos, não deixando de ser vigiada pelo marido. Ser uma mulher desonrada era algo vergonhoso tanto para si quanto para a família, à responsabilidade que o próprio corpo carregava era algo cobrado pela sociedade que a mulher deveria se guardar para o casamento, não devia estar apta a certas liberdades. Tanto que a AIB educava o corpo feminino através de atividades físicas e que alguns exercícios eram proibidos, deveriam ser exercícios delicados a ideia que se tinha para as blusas verdes era de que deveriam estar sempre saudáveis para povoar a pátria. Segundo Simões¹⁹: *“a AIB parecia estar muito mais preocupada com a questão eugênica e geracional da beleza do que a “satisfação” pessoal e a autoestima feminina. A AIB compreendia que, sendo “bela” a mulher, apta estaria a gerar uma prole “forte” e “sadia”.* A imprensa integralista, os discursos, as atividades desenvolvidas pelas secretarias foram formas de envolver o público feminino, de dar voz a essa mulher sendo integralista ou não que estava ocupando seu espaço na sociedade seja reivindicando o direito de participar da democracia pelo voto seja pela legitimação de seu papel de mãe- esposa e dona de casa. As blusas verdes atuaram em defesa da honra tentando retirar as mulheres dos espaços públicos, já que o movimento era tradicional tinha para a mulher o modelo católico que seria estabelecer o privado, tanto que Silva²⁰:

¹⁷ OLIVEIRA, I.B. Espaços de Eva: a mulher, a honra e a modernidade no Recife dos anos 20 (século XX)

¹⁸ SOIHET, Rachel. História das mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo.

¹⁹ SIMÕES, Renata. D. A educação do corpo no Jornal A Offensiva (1932-1938) Dissertação (Doutorado em Educação) USP-2009 - Pág. 159-160.

²⁰ SILVA, Giselda. B. Op. Cit, pág. 6



É este corpo integralista que passa a investir na união do corpo com a alma em defesa de valores tradicionais que pareciam ameaçados pelos demais grupos em ascensão. Nos anos 1930, os integralistas foram ferrenhos defensores da moral e ética cristã, combatiam a desordem e os governos fracos.

A honra não somente nas fileiras da AIB era tão preservada, mas também nas famílias tradicionais recifenses onde muitas mulheres se identificaram com o movimento, no caso da mulher pobre que para manter esse status teria que ficar em casa sendo a necessidade o maior motivo que as levaria para os espaços públicos sendo submetidas a situações degradantes que viria a manchar sua moral. O movimento tinha a igreja católica como forma de legitimar esse lugar social de enquadrar a mulher nos moldes na moral e dos bons costumes, sendo “*o sexo desvalorizado e as relações sexuais mesmo entre os cônjuges, são mal ditas e mal vistas, precisando exorcizar pela via da maternidade*”, como aponta Oliveira²¹. Para defender a honra as blusas verdes foram às ruas disseminar os ensinamentos que a verdadeira mulher da nação deveria seguir já que esse troféu estaria atrelado a sua conduta e de como iria ser vista pelos olhos da sociedade. O homem seria considerado como o principal prejudicado se essa honra fosse violada, sendo papel dele resguardar tanto enquanto pai como marido, pois quando a mulher casasse a responsabilidade seria do companheiro. A mulher integralista deveria manter a ordem nas fileiras do movimento que tinha como lema a construção de uma nova sociedade moldada nos moldes tradicionais e que exaltava a mulher como peça fundamental desse estado integral.

3. Patrícias: rainhas do lar e da nação

Na concepção do movimento a revolução se daria pelo espírito, um tipo diferente de fazer revolução. A mulher era exaltada pela sua simplicidade, negando à mulher que fosse apegada a moda, símbolo da modernidade. Para o movimento o homem não deveria escravizar a mulher, tendo ela que trabalhar em fábricas para complementar o sustento da família sendo considerado algo degradante, sendo ela destituída da sua verdadeira vocação. Nas fileiras da

²¹ OLIVEIRA, I. B. Fazemos a família à nossa imagem: a construção de conceitos de família no Recife Moderno (1920-1930). Dissertação (Doutorado em História). UFPE/CFCH, 2002. Pág. 282.



AIB a mulher tinha vez, já que na década de 30 os espaços públicos não permitiam a presença feminina e através da política e da legitimação do papel de rainha do lar, mãe dedicada e esposa a mulher pode ocupar locais da permissividade dos seus espaços. Obras de assistência eram desenvolvidas dentro do movimento pelas mulheres que percorriam bairros pobres distribuindo roupas ou mesmo na função de enfermeiras ajudando os mais necessitados, nesse caso as mulheres de classe média dedicavam uma parte de seu tempo em prol da causa espiritual que era tal lembrada pela AIB. Havia uma conscientização em relação a doenças sexualmente transmissíveis, alertando as mulheres a terem certo cuidado também com a tuberculose, câncer e a higienização dos filhos. A maternidade era tida para a mulher como sua principal finalidade, como aponta Endrica²²: *“Por meio da educação feminina, a medicina procurou atingir o aperfeiçoamento físico e moral da mulher, da mãe e das futuras gerações do país. A mulher é considerada um agente familiar de higiene social e responsável por garantir a moral da sociedade”*. Esse discurso era bastante difundido entre as blusas verdes, sendo essa sua função social preparar o futuro da nação dentro dos preceitos da moralidade e dos papéis sociais de cada indivíduo. O integralismo é contrário ao feminismo, pois para eles tal movimento queria para mulher uma igualdade de direitos que viria a infringir a lei natural, tanto que os discursos da época que circulavam afirmavam que essa emancipação fugiria das normas que eram estabelecidas para a época, Oliveira²³ diz: *“se emancipar, portanto, nesse momento, ganha uma gama de significados nesse momento, e a mulher que integrasse esse movimento tornava-se, de imediato uma “virgem impura” ou mulher-macho”*. Considerando a destruição do modelo da mulher como a rainha do lar, notamos que havia uma participação maciça feminina, mas nos espaços que ela poderia exercer atividades de assistência, de alfabetização ou então de enfermagem. A participação feminina na política foi significativa tanto que quando se aproxima as eleições que concedem o direito ao sufrágio feminino em 1932, com a condição que fossem maiores de 21 anos e alfabetizadas houve dentro do movimento uma maior número de alfabetizados. De acordo com Possas²⁴:

²² Endrica, Geraldo. Entre a raça e a nação: a família como alvo dos projetos eugenista e integralista de nação brasileira nas décadas de 1920 e 1930. (Dissertação) Mestrado em História. UNICAMP - IFCH, 2001. Pág. 30.

²³ OLIVEIRA. I.B. Espaços de Eva: a mulher, a honra e a modernidade no Recife dos anos 20 (século XX). Pág. 7.

²⁴ Possas, L. M. V. *Vozes femininas na correspondência de Plínio Salgado (1932-38)*. Escrita de si, escrita da História. Â. d. C. Gomes. Rio de Janeiro, Editora da FGV:2004, p. 267.



IV Colóquio de História

Abordagens Interdisciplinares sobre História da Sexualidade
de 16 a 19 de novembro de 2010 - UNICAP

O movimento do Sigma conseguiu reunir um número considerável de mulheres como militantes. Elas tiveram participação expressiva em setores educacionais, como na área de alfabetização e da enfermagem. Segundo a ótica integralista e nas palavras do próprio Plínio Salgado, em 1937 as mulheres “*entregaram-se ao estudo dos problemas nacionais e tiveram uma inserção na vida política*”. Assim, “*... mais de 100.000 senhoras e moças atuaram como visitadoras de bairros humildes, professoras e enfermeiras, em uma obra social portentosa do movimento*”.

As mulheres atuaram nos espaços que as exaltavam nas figuras de mãe, esposas e donas de casa, pois era essa a ideia que se tinha para o público feminino dentro da AIB, atuar nas comunidades pobres onde o número de mulheres que tinha que trabalhar por necessidade era significativo, motivo de grande preocupação para as militantes integralistas, pois nas fabricas estariam a mercê dos perigos que rondava tais espaços. Como aponta Simões²⁵ ao abordar a assistência social na AIB, algumas mulheres mesmo que discretamente subvertiam a ordem e faziam diferente do modelo tradicional:

Militantes que participaram ativamente da campanha eleitoral integralista, que proferiram discursos em prol da divulgação da doutrina, que escreveram para os impressos e os editaram, etc, representam uma parcela, mesmo que bastante reduzida, de modos diferentes de atuar no movimento daqueles prescritos pelos livros e documentos integralistas.

Muitas patrícias como eram chamadas as mulheres que exaltavam a pátria como foi o caso das integralistas se destacaram no movimento pela militância não exaltando seu lugar em casa, mas sendo útil na divulgação das ideias. A educação para essas mulheres era importante para elas, mas não no sentido de emancipação já que o movimento ia de encontro à ideias modernas que se tinha para o público feminino. Educação para a mulher para poder ser uma melhor mãe, instruir os filhos e aconselhar o marido diante de diferentes situações e principalmente contribuir para a alfabetização dos integralistas e que através desse modelo educacional construiriam um novo modelo de pátria. O conceito de mulher moderna que se tinha para a AIB não era o mesmo que circulava nos meios de comunicação, para o

²⁵ SIMÕES, Renata. D. Op. Cit, pág. 175.



IV Colóquio de História

*Abordagens Interdisciplinares sobre História da Sexualidade
de 16 a 19 de novembro de 2010 - UNICAP*

movimento a mulher dita nos moldes modernos era aquela que ia as ruas fazer a militância, estaria ao lado do companheiro, mas não deixando de exaltar a figura de rainha do lar e da nação.

É sabido que o integralismo é considerado como o primeiro movimento de massas do Brasil, chegando a diferentes cidades de norte a sul tendo inúmeros adeptos que naquele momento histórico se identificaram com tais ideias, já que na conjuntura que o país passava novos conceitos estavam sendo estabelecidos para os sujeitos e muitas famílias tradicionais não apoiam tais mudanças. A AIB nasce com a proposta da tríade que construirá o modelo ideal de nação: Deus, Pátria e Família, ora numa sociedade com traços patriarcais, religiosos e que consequentemente tem na família o modelo tradicional; de mulher dona de casa, homem provedor do sustento e filhos que são educados pela mãe um terreno fértil para a sedimentação do estado integral. As mulheres foram convocadas a fazer parte desse modelo através de atividades que lhe seriam comuns, prestar auxílio ao próximo, ensinar as primeiras letras, mas sem esquecer-se de cuidar do corpo, pois era através delas que novos militantes nasceriam e para isso a saúde seria primordial, tendo elas a missão de procriar. A participação feminina nas fileiras do movimento foi aparada pelas secretarias que arregimentavam esses trabalhos, não deixando as blusas verdes sem um aparato de comunicação, já que revistas, programas de rádios e etc. as instruíam em diferentes pontos de como deveria se portar diante das transformações da sociedade. Dentro dos lugares sociais que lhe foram permitidos, as mulheres atuaram em defesa da causa que acreditavam as exaltando como rainhas de seus lares e defensoras da sua nação.

REFERÊNCIAS



BULHÕES, Tatiana da Silva. **Fotografias, gênero e autoritarismo:** representações do feminino pela Ação Integralista Brasileira.

BARROSO, Gustavo. **O que o Integralista deve saber.** Rio de Janeiro – Civilização Brasileira – 1935 p.29

CAULFIELD, S. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas: Unicamp, 2000. p. 162. *apud*, BURITY, Iranilson. **Espaços de Eva: a mulher, a honra e a modernidade no Recife dos anos 20 (século XX)**. In: <http://www.anpuh.uepg.br/historia- hoje/vol2n5/iranilson.htm>

Diário do Nordeste. Recife, 26/10/1937

ENDRICA, Geraldo. **Entre a raça e a nação:** a família como alvo dos projetos eugenista e integralista de nação brasileira nas décadas de 1920 e 1930. (Dissertação) Mestrado em História. UNICAMP - IFCH, 2001.

JORNAL PEQUENO. Recife, 22 de setembro de 1934

MANCILHA, N. M. V. **Brasil Feminino:** uma visão social sobre a participação feminina no movimento integralista.

OLIVEIRA, I. B. **Façamos a família à nossa imagem:** a construção de conceitos de família no Recife Moderno (1920-1930). Dissertação (Doutorado em História). UFPE/CFCH, 2002.

POSSAS, L. M. V. **Vozes femininas na correspondência de Plínio Salgado (1932-38)**. Escrita de si, escrita da História. Â. d. C. Gomes. Rio de Janeiro, Editora da FGV:2004, p. 267.

PERROT, Michelle. **Escrever uma história das mulheres:** relato de uma experiência. Conferência proferida no Núcleo de Estudos de Gênero Pagu em 06 de maio de 1994 (UNICAMP).

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar:** a utopia da cidade disciplinar. 1890-1930. 2ª edição.



IV Colóquio de História

*Abordagens Interdisciplinares sobre História da Sexualidade
de 16 a 19 de novembro de 2010 - UNICAP*

RIBEIRO, Renato Janine. **A etiqueta no antigo Regime**. São Paulo: Moderna. 1998.

SILVA, Giselda. B. **Corpo e Discursos**: uma abordagem Histórico-discursiva do corpo integralista como transgressor da ética e da moral cristã.

SIMÕES, Renata. D. **Ação Integralista Brasileira**: Educando mulheres para as funções de professora e mãe de família.

SOIHET, Rachel. **História das mulheres**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo.

SIMÕES, Renata. D. **A educação do corpo no Jornal A Offensiva** (1932-1938) Dissertação (Doutorado em Educação) USP-2009.